

REVISTA

BULUNGA

março de 2022 - número 2

ENTREVISTA

Ílvio Amaral e Maurício Canguçu
de "Acredite - Um Espírito
Baixou em Mim"
o maior fenômeno de bilheteria
teatral do Brasil

PAPO-CABEÇA

com Jorge F. Isah

DIÁRIO DE UM CONFINAMENTO

Charles
BUKOWSKI

DICAS

PIADAS

e muito mais



EDITORIAL

Chegamos ao número 2. Muitos acreditavam que não passaríamos do primeiro número. Pensando bem, nem foram tantos os que pensaram assim, pois pouca gente leu a revista. Normal. Brasileiro não gosta de ler: gosta mesmo é de vídeos com dancinhas do Tik-Tok, que duram entre 4 e 6 segundos.

Resolvemos não contratar analistas de tráfego, impulsionadores, influenciadores digitais e toda essa parafernália que dizem que garantem o sucesso de um empreendimento na internet. Não pagamos ao Instagram, ao Facebook, ao Tweeter, ao YouTube e muito menos ao Tinder. Entendeu a brincadeira? Deixa pra lá.

Hoje em dia, quem não paga não consegue seguidores, não consegue ser visto. O seu círculo ficará restrito ao seu grupo de conhecidos, escolhidos aleatoriamente entre a sua lista de seguidores, pelos próprios aplicativos, com base em algoritmos.

Conheço muita gente que solta a maior grana para divulgar as suas dancinhas ou citações quase sempre atribuídas a Luís Fernando Veríssimo, a Mário Quintana ou Arnaldo Jabor, na esperança de virarem celebridade da noite para o dia, mas o dinheiro só sai e nada entra. Porém, a impressão que passam é a de que, para ficar milionário, basta fazer qualquer porcaria e postar em alguma dessas mídias sociais. Triste engano.

A internet virou uma espécie de sociedade secreta, onde só os "iniciados" tem acesso aos segredos do sucesso, muito bem guardados por meninos imberbes que mal sabem ler e escrever, mas que dominam esse mercado e são considerados gênios.

E é nesse cenário que velhos saudosistas, acostumados a divulgarem, há 40 anos, os seus artigos em jornais do tipo "fanzine", impressos com xerox (ainda existe?), resolveram conquistar o Brasil e o mundo. Quanta ilusão! De qualquer forma, enquanto a senilidade não os abater de uma vez por todas, divirtam-se com os seus textos.

Guerras movimentam dinheiro. Muito dinheiro. Muito mais do que você seria capaz de imaginar. Dinheiro com a venda de aviões, helicópteros, navios, submarinos, tanques, mísseis, armas de todos tipos e calibres e suas correspondentes munições, bem como a comercialização da matéria-prima para a fabricação desses produtos, tais como aço, ferro, alumínio, vidro, plástico, pólvora, couro, borracha, gerando empregos de toda espécie e movimentando a indústria e também o comércio numa cadeia produtiva. E dessa forma todos acabam lucrando.

E as mortes? Quem se importa? Nasceram outros no lugar. É assim que pensam os grandes estadistas quando declaram guerra a outras nações, e foi assim na Primeira e na Segunda Grande Guerras, nos períodos de 1914 a 1918 e 1939 a 1945.

Todos os países derrotados conseguiram ajudas bilionárias e se transformaram em grandes potências, como a Alemanha e o Japão. Talvez essa seja a chance do Brasil: declarar guerra ao mundo. Assim, depois de destruído, poderá ser ajudado a se reconstruir pelos países aliados, quando, finalmente, aprenderá com os vencedores a administrar esta bagunça dominada pela corrupção, que pode ser mais nociva do que qualquer guerra.

Mas aí entraria o "jeitinho brasileiro" para atrapalhar. Tentariam seduzir os estrangeiros com o futebol e o carnaval, com mulheres seminuas sambando e se insinuando para os soldados, ou garotões de barriga trincada com os seus frenéticos movimentos pélvicos, se oferecendo para os oficiais mais graduados; e teria também o funk, a cervejinha na beira da praia e o churrasquinho de gato. Não sei se eles resistiriam.

Talvez não haja saída para o Brasil. Não teríamos competência nem para perder uma guerra. Não, não é pessimismo: é o resultado da observação de 522 anos de balbúrdia.

Se a guerra começasse por Minas Gerais, o mineirinho chamaria o chefe do pelotão inimigo num canto e perguntaria: "cê aceita um queijim? Vem cá que minha muié acabou de fazer um cafézim, e tem também uma broinha de fubá de canjica quentinha".

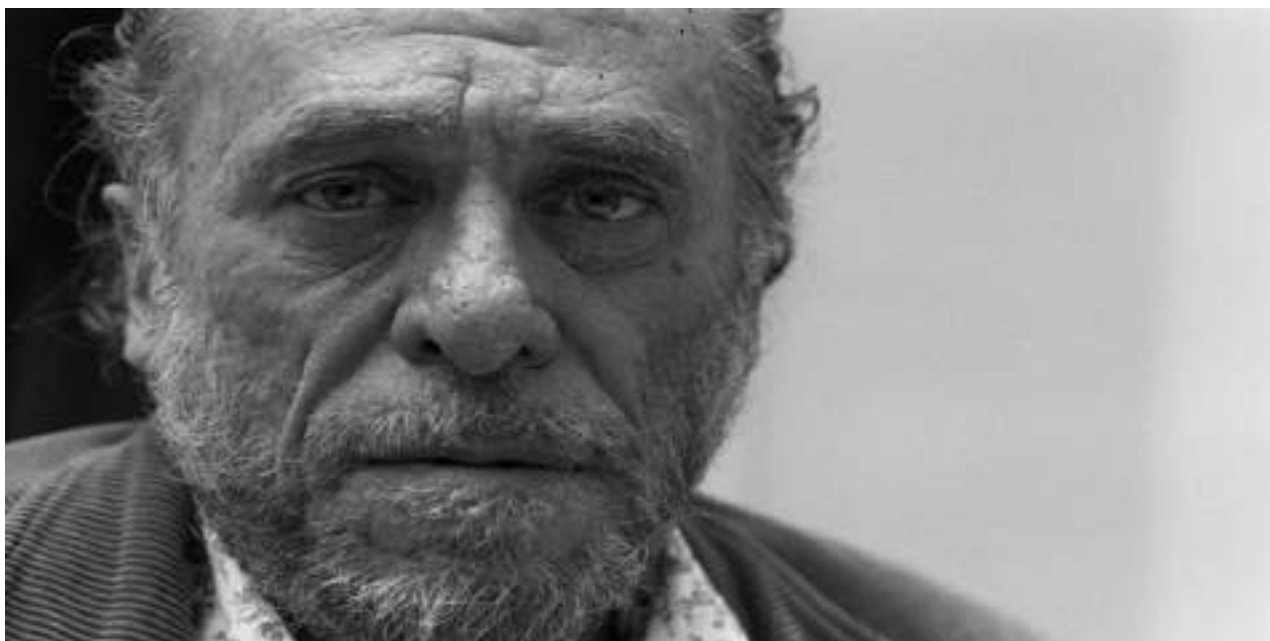
Se fosse iniciada em Goiás, o goiano colocaria as suas músicas de corno, tocaria o berrante e serviria uma pinga, deixando o inimigo bêbado e abatido.

Se acaso começasse pelo Rio Grande do Sul, o gaúcho serviria chimarrão para toda a companhia e assaria uma chuleta, fazendo com que desistissem da invasão, por estarem de barriga cheia.

Se a Bahia fosse o destino, o invasor seria levado a dançar um achê, sentando até o chão, mas depois teria que correr para os banheiros, por causa do efeito do acarajé, com muita pimenta e azeite de dendê.

Mas se fosse no Rio de Janeiro, todo o pelotão seria assaltado em um arrastão na praia, acabando definitivamente com as possibilidades de um conflito.

Já que não tem mesmo jeito, o negócio é continuar tocando essa nossa vidinha, até que o mundo acabe. E pode ser que nem demore, porque algum desses burraldos que se acham superpoderosos podem, por puro descuido, acionar o botão vermelho que libera os mísseis com as suas poderosas bombas atômicas, causando a destruição do planeta, sem que nada sobre para alguém contar. É só esperar para ver.



B U K O W S K I

Bukowski não é um exemplo de vida a ser seguido, mas a sua literatura não pode ser desprezada, principalmente pelo fascínio que ainda hoje causa em tantos admiradores espalhados pelo mundo, aqueles que conseguem descobrir uma sensibilidade nativa por baixo da carcaça daquele cara durão.

Nascido Henry Charles Bukowski, em Andernach, Alemanha, em 16 de agosto de 1920, veio para os EUA aos 3 anos de idade e sofreu muito na adolescência, por conta da rejeição relacionada a problemas com uma acne severa, que dominou todo o seu rosto e o obrigou a submeter-se a tratamentos médicos, e com isso o isolamento dos colegas da escola e, principalmente, do sexo oposto, por se achar muito feio.

Mas não foi só isso: para piorar, sofreu abusos físicos e psicológicos do pai, um soldado extremamente autoritário e violento, em um período marcado pelas guerras mundiais, o que levou muitos jovens daquela época, principalmente dos EUA, a largarem os valores da sociedade para se tornarem vagabundos e alcoólatras.

Sofreu sucessivas derrotas em sua vida, muitas delas em razão de seus hábitos antissociais, de sua aparência desleixada, de sua preguiça, de sua irresponsabilidade, de sua instabilidade emocional, das bebedeiras, do vício em corridas de cavalo e pelo seu envolvimento com a escória da sociedade.

Aos 19 anos começou a escrever alucinadamente, ocasião em que foi expulso de casa e passou a morar em pensões decadentes e a trabalhar em empregos temporários, em diversas cidades americanas, como faxineiro, frentista, motorista de caminhão e, finalmente, como funcionário dos correios, profissão que exerceu por maior período.

Sua primeira oportunidade veio ao final dos anos 1960, quando foi convidado a publicar os seus trabalhos na editora Black Sparrow Press, e a partir daí passou a fazer algum sucesso com seus contos, romances e poemas. Durante muitos anos, as suas crônicas intituladas "Nota de um Velho Safado" fizeram o maior sucesso entre um grupo de admiradores fiéis, passando a ser frequentemente convidado para sessões de leituras de seus poemas, muitas delas interrompidas ou mesmo canceladas por conta de suas bebedeiras.

Criou o personagem Henry Chinaski para fazer uma autobiografia de sua vida conturbada, tendo sido alguns de seus trabalhos adaptados para o cinema, como *Crônica de um Amor Louco* (1981), *Barfly* (1987) e *Factotum* (2007).

Bukowski não gostava de gente. Ou melhor, gostava, mas não por muito tempo. Para ele as pessoas eram perigosas, porque podiam descobrir a verdadeira identidade do ser humano sensível que foi surrado pela vida, mascarado por aquele seu jeito rude, e por isso retirava os filtros que garantem as aparências das relações sociais.

Ele era amado e odiado pela sua literatura, mas geralmente os que criticavam negativamente as suas obras não a liam por inteiro, mas apenas algumas de suas citações. Na verdade, essa relação de amor e ódio marcou a sua relação com os demais seres humanos, principalmente as mulheres, talvez pelos sentimentos não correspondidos, nas piores fases de sua vida, o que transformou os seus trabalhos em um material extremamente denso, palpável, contundente, com a sua narrativa sincera, sem rodeios e pudores. Ele escrevia o que vivia, apenas isso, fazendo com que o seu leitor crie uma identificação com a sua realidade entediante, sem as fantasias presentes nas obras dos escritores comuns. Bukowski era diferente.

Passou a maior parte de sua vida em Los Angeles, Califórnia, que amava e odiava com a mesma intensidade. Ainda na adolescência descobriu o álcool e a literatura como uma forma de diminuir a pressão que sofria.

Frequentava o mundo de Bukowski a base mais vil da sociedade: bêbados, drogados, prostitutas, presidiários, loucos, viciados em jogos, pervertidos de toda espécie, mas ele conseguiu descortinar um certo lirismo dessa experiência, com o seu característico humor pessimista, mas poucos são os leitores que conseguem perceber o tom satírico de sua narrativa.

Sofreu fortes influências de John Fante, Henry Miller, Jack Kerouac, Dostoiévski, Hemingway, Celine, entre outros. Mas só veio conhecer o sucesso tardiamente, passando a ver a cor do dinheiro, com o correspondente conforto que ele oferece, após os 60 anos, apesar de já colecionar fã ao redor do mundo.

Entre as suas mais contundentes obras podemos destacar Fabulário Geral do Delírio Cotidiano, Crônicas de um Amor Louco, Factotum e Mulheres, mas tem ainda Cartas na Rua, Misto Quente, Hollywood, Notas de Um Velho Safado, Numa Fria, O Amor é um Cão dos Diabos, Ao Sul de Lugar Nenhum e, principalmente, Pulp, o seu último livro, para muitos o melhor. Mas existem diversos outros, principalmente de poemas, alguns publicados postumamente, aproveitando o sucesso de suas vendas.

Bukowski morreu em 9 de março de 1994, aos 73 anos.

VEJAMOS AQUI ALGUMAS FRASES E TRECHOS DE OBRAS DE BUKOWSKI

“O amor é uma espécie de preconceito. A gente ama o que precisa, ama o que faz sentir bem, ama o que é conveniente. Como pode dizer que ama uma pessoa quando há dez mil outras no mundo que você amaria mais se conhecesse? Mas a gente nunca conhece”.

“É este o problema com a bebida, pensei, enquanto me servia dum copo. Se acontece algo de mau, bebe-se para esquecer; se acontece algo de bom, bebe-se para celebrar, e se nada acontece, bebe-se para que aconteça qualquer coisa”.

A diferença entre uma democracia e uma ditadura consiste em que numa democracia se pode votar antes de obedecer às ordens.

Que tempos difíceis eram aqueles: ter a vontade e a necessidade de viver, mas não a habilidade.

Nunca me senti só. Gosto de estar comigo mesmo. Sou a melhor forma de entretenimento que posso encontrar.

Definição de bom bairro: lugar onde a gente não tem condições econômicas para morar.

A diferença entre a Arte e a Vida é que a Arte é mais suportável.

Um intelectual é um homem que diz uma coisa simples de uma maneira difícil; um artista é um homem que diz uma coisa difícil de uma maneira simples.

Às vezes, me sinto como se estivéssemos todos presos num filme. Sabemos nossas falas, onde caminhar, como atuar, só que não há uma câmera. No entanto, não conseguimos sair do filme. E é um filme ruim.

Encontre o que você ama, que isso o matará.

Bem, todos morrem um dia, é simples matemática. Nada de novo. A espera é que é um problema.

Outro dia, fiquei pensando no mundo sem mim.

Há o mundo continuando a fazer o que faz. E eu não estou lá. Muito estranho. Penso

no caminhão do lixo passando e levando o lixo
e eu não estou lá. Ou o jornal jogado no jardim
e eu não estou lá para pegá-lo. Impossível.
E pior, algum tempo depois de estar morto, vou
ser verdadeiramente descoberto. E todos aqueles
que tinham medo de mim ou me odiavam
vão subitamente me aceitar. Minhas palavras
estarão em todos os lugares. Vão se formar
clubes e sociedades. Será nojento.
Será feito um filme sobre a minha vida.
Me farão muito mais corajoso e talentoso do que
sou. Muito mais. Será suficiente para fazer
os deuses vomitarem. A raça humana exagera
em tudo: seus heróis, seus inimigos, sua importância.

COLOQUE AQUI A
SUA PUBLICIDADE

Confissão

À espera da morte
como um gato
que saltará sobre a
cama

Sinto terrivelmente por
minha esposa

Ela verá este
corpo
duro e
branco

Vai sacudi-lo uma vez, depois
quem sabe
outra:

"Hank!"

Hank não
responderá.

Não é minha morte o que
me preocupa, é minha mulher
abandonada com este
monte de
nada.

Quero
no entanto
que ela saiba
que todas as noites
dormindo
ao seu lado

Que mesmo as discussões
inúteis
sempre foram
esplêndidas

E que as palavras
difíceis
que sempre temi
dizer
podem agora ser
ditas:

Eu te
amo.

Charles Bukowski

ENTREVISTA

ÍLVIO AMARAL E MAURÍCIO CANGUÇU



Ílvio Amaral e Maurício Canguçu já trabalharam em novelas, em programas de humor na TV, como "A Praça é Nossa", e em dezenas de peças de teatro, viajando por várias cidades do país, mas nada se compara ao sucesso de "**Acredite - um Espírito Baixou em Mim**", que se mantém em cartaz há 24 anos, tendo sido apresentada para mais de 4 milhões de espectadores, recorde que será muito difícil de superar, ainda mais nesses tempos pós-pandemia, em que as pessoas pouco se animam a sair de casa, isso sem contar o sucesso do stand-up comedy, que vai tomando os espaços das grandes produções teatrais, com seus custos extremamente baixos e facilidade de locomoção, pois dispensa o uso de cenários, figurinos, sonorização e iluminação especiais, além da arrecadação da bilheteria, que é dividida com número bem menor de técnicos.

Em uma tarde agradável, numa conversa bem descontraída, os atores, que estão neste momento no Rio de Janeiro, deram essa entrevista por videoconferência a Daniela Savassi e Michel Salomão, que agora procuraremos reproduzir.

BULUNGA - Como aconteceu o começo da carreira de vocês? Vocês já fizeram drama?

ÍLVIO AMARAL – Quando eu fazia Teatro Universitário com a Aydeé Bitencourt teve um momento que foi hilário. Nós fazíamos um texto do Dias Gomes, no antigo Teatro Chico Nunes, e a cena mostrava pessoas pobres que



invadiam um prédio e eu tinha três filhos. Eu saía com os três meninos para catar coisas na rua, e tinha um caixote. Eu chegava para este caixote e chegava para os dois filhos, olhava para o caixote e dizia "morreu". Quando cheguei lá, olhei para esse caixote e falei "morreu", e o teatro foi abaixo e todo mundo ria e ria e ria muito. A Dona Aydeé deu a volta na coxa e disse "você nunca mais estrague o meu espetáculo, querido"! São coisas que a gente não espera.

MAURÍCIO CANGUÇU – O primeiro espetáculo que fiz foi um drama. As pessoas pensam que a gente sempre fez comédia na vida, mas quando comecei eu fiz "Vereda da Salvação", de Jorge Andrade. Era um espetáculo muito denso, que aconteceu no Vale do Mucuri, em Teófilo Otoni, tinha os Coronéis da época que mataram os funcionários que se rebelaram contra ele, por causa de uma questão trabalhista, tinha a questão religiosa no meio, a peça era muito bonita, mas triste, muito pesada e terminava com todo mundo sendo assassinado. Depois fizemos juntos "Por Pouco", que também era uma peça dramática, e ganhamos vários prêmios. Foi baseada no filme "Antes de Partir", com o Jack Nicholson e Morgan Freeman, em que os dois estão morrendo com câncer, um com uma semana de vida e o outro tem duas. Nós compramos a peça em Paris e fizemos no Brasil, assim como o Morgan Freeman comprou e fez o filme. Foi um espetáculo super triste, dramático e ganhamos vários prêmios. E fizemos também "A Idade



da Ameixa", de um autor equatoriano, Aristides Vargas, com direção de Guilherme Leme. Ganhamos vários prêmios e era um espetáculo muito triste, sobre umas mulheres que eram abandonadas pelos maridos, e nós fazíamos os papéis das nove mulheres e fazíamos vestidos de homens, sem peruca e maquiagem, era só a contagem da história. As mulheres viviam sozinhas, abandonadas pelo tempo, era muito linda a história. Depois fizemos "Um Espírito Baixou em Mim", "A Noite das Maldormidas", "Minha Mulher se Chama Maurício", "Essa Herança é Minha", "Velório à Brasileira", "O Adultério Mora ao Lado", e agora estamos com "Maio – Antes que você me Esqueça", e as pessoas riem muito, mas no final se emocionam



muito. As pessoas brincam que a gente tinha que distribuir máscaras, porque o pessoal sai com as máscaras molhadas.



BULUNGA – Nessa peça, as pessoas vão para dar gargalhadas, com base na trajetória de vocês, e são pegadas de surpresa, com o conteúdo dramático?

ÍLVIO AMARAL – Sempre tem isso. Muita gente vai pensando que a gente vai fazer um novo "Acredite – um Espírito Baixou em Mim". Logo depois que a peça "Espírito" explodiu, a gente foi fazer "A Idade da Ameixa", e tinha muita gente que se assustava, às vezes saía no meio do espetáculo, pensando "eu vim aqui para rir". Depois fizemos "Os

Sem-Vergonhas", que era uma comédia enlouquecedora, que o público ria muito, mas acho que o povo sempre espera que o ator esteja em uma linha única de atuação. É muito difícil as pessoas pensarem que os atores possam fazer uma coisa ao contrário do que já viram.

MAURÍCIO CANGUÇU – A gente como artista gosta desse desafio, senão ficaria fazendo "O Espírito Baixou em Mim", mas eu quero me desafiar, me colocar em xeque, pois eu acho que é minha função nessa profissão. Amo comédia, amo drama, amo tudo, fizemos muita peça infantil em escolas. Quero ser incomodado, ter espinhos.

ÍLVIO AMARAL – Certa vez fizemos uma novela na extinta Rede Manchete, onde a gente fazia dois cangaceiros. A gente gravava debaixo de um sol em Maricá, no Rio de Janeiro e a gente pensava que a roupa ia sair andando sozinha, de tão suada que ficava. Era uma loucura e a gente matando as pessoas na novela (risos), e a gente matava um monte de gente.

MAURÍCIO CANGUÇU – Depois nós fomos fazer "A Praça é Nossa", ficamos contratados três anos lá no SBT e era um esculacho, uma brincadeira. Começou por causa de "Um Espírito Baixou em Mim", porque o Carlos Alberto assistiu a peça e São Paulo e convidou a gente para fazer um dia, mas fez tanto sucesso, mas depois o Ílvio fez um hipocondríaco e fez um papel com a Lívia Andrade, que era um homem inteligente casado com uma gostosona. Depois fizemos uma sátira do seriado "As Panteras", e a gente adora estar em qualquer lugar, adora esse desafio. No cinema a gente fez pouca comédia. A maior parte foi drama. Recentemente, fiz um teste para um filme e tomei pau. É um filme que vai ser rodado em Minas.



BULUNGA – Você reprovado em um teste para comédia? Só pode ser piada... Mas todo artista quer ter essa liberdade para você fazer o que quer, e vocês conseguiram isso, com a montadora CANGARAL.

MAURÍCIO CANGUÇU – o fato de a gente ter a empresa foi possível criar essa liberdade de chamar quem a gente quer, como, por exemplo, convidados o Ari Coslov, que é um diretor basicamente de dramas. A gente também o Guilherme Leme, que é um artista inquieto como nós. Ele dirige show de música, como recentemente o Nando Reis, e ele tem essa mesma inquietação artística como nós temos, e a gente se dá super bem, pois ele conhece essa nossa angústia artística de estar em todos os lugares. Convidamos também Gugu

Olimecha, Marília Pera, Bibi Ferreira, Sandra Pera, Miguel Magno, Benvindo Siqueira, o Fred Mayrink, a gente sempre buscou essa liberdade.

ÍLVIO AMARAL – uma coisa que nós tivemos e foi muito importante em nossas vidas foi que nunca tivemos preconceito com a estética teatral e nem medo de arriscar. Certa vez nós montamos uma peça chamada “Quem tem Medo de Itália Fausta” e levamos um prejuízo muito grande. Na época eu fazia terapia com o Dr. Robson, e uma vez me lembro que cheguei para a análise e não conseguia falar nada. Ele perguntou: “o que foi?” e eu falei “estou precisando de USD 1.500,00, e ele me emprestou. Quando finalmente consegui pagar, falei para o Maurício: “pronto, agora que conseguimos pagar, podemos pedir um novo empréstimo para ele”. A gente sempre teve dessas coisas: vamos ter prejuízo? Vamos ter prejuízo, mas vamos sempre fazer o que a gente quer. Vamos trabalhar com teatro, viver de teatro. Eu fui professor de teatro durante 15 anos, o Maurício também foi professor, e estava no Estado, na Secretaria de Cultura, mas a minha vida inteira foi fazer teatro.

MAURÍCIO CANGUÇU – Em todos os espetáculos a gente faz Rio, São Paulo e Belo Horizonte, pelo menos isso, porque a gente entendeu que o nosso mercado não é só Belo Horizonte. Nós estamos aqui (Rio), o Ílvio está gravando a novela, mas já estamos olhando espaços para apresentar “Maio”, estamos olhando em São Paulo. Ontem a gente estava conversando com uma pessoa que trabalha com TV e teatro e ele disse que nós podemos nos orgulhar, porque poucas pessoas no país podem se dar ao luxo de viver só de teatro. A gente faz televisão, mas novela, quando aparece? Faz, mas não é sempre, pois não somos contratados, então o nosso ganha-pão é do teatro, da bilheteria.



BULUNGA – O Ílvio falou de um fracasso de bilheteria, mas, com relação ao “Espírito Baixou em Mim”, vocês tiveram uma surpresa “assombrosa” com o resultado?

ÍLVIO AMARAL – Eu fui para o Rio de Janeiro para fazer uma peça com o João Bittencourt, mas ela foi um fiasco. A Bárbara Heliodora, que é uma crítica muito respeitada, falou muito mal da peça, e eu falei “Maurício, acho que a minha carreira acabou”. O Maurício disse “não, a gente faz uma peça por aqui”, e assim conseguimos um texto e fui dirigir o Maurício e a Sibele Ribas na peça “Nua na Platéia”, e assim arrendamos o Teatro do ICBEU. Pouco depois, um grupo reservou uma data de três meses para fazer uma peça lá, mas faltando 40 dias para estreiar, o diretor falou que não iria acontecer mais, por falta de patrocínio. E nós tínhamos que pagar três meses de aluguel, além dos salários dos funcionários. Nós tínhamos acabado de fazer a novela Mandacaru, e assim chamamos a Sandra Pera para nos dirigir. A proposta era ficar três meses para cobrir buraco. Mas a peça que nós realmente pensamos que seria o espetáculo de nossas vidas, e que nos deixaria ricos, era “É Dando que se Recebe”, mas foi um fracasso, que estrearia logo depois desses três meses de “Espírito”. Depois do fracasso da outra peça, voltamos com “Espírito” na campanha (de popularização do teatro), mas no primeiro dia tivemos 16 pessoas na plateia. Mas no segundo dia, casa lotada, no terceiro dia, casa lotada, e tivemos que começar a fazer duas sessões por dia no ICBEU. Começamos a fazer de terça a domingo, duas sessões por dia, e ficava tudo lotado. Aí passamos para o Teatro Dom Silvério, era o dobro de lugares, mas mesmo fazendo duas apresentações por dia, lotava tudo. Fomos para o SESIMINAS e não cabia o público, fomos para o Minascentro, que tinha 1750 lugares, mas mesmo assim éramos obrigados a fazer duas sessões às sextas, sábados e domingos. Foi aí que falei para o Maurício que a gente precisava comprar apartamentos, lotes, terrenos, carros novos e cada ano foi fazendo mais sucesso, inclusive em São Paulo, Rio de Janeiro, e aí o Maurício deu a ideia de fazermos um filme dessa peça. E fomos lá fazer um filme, sem nenhum centavo de patrocínio. Assim, pegamos todo o dinheiro que tínhamos e investimos no filme. Na época foi mais ou menos um milhão de reais. A gente ganhava tanto dinheiro no Rio de Janeiro, no Teatro dos Grandes Atores, na Barra, que eu ia filmar com um pacote de dinheiro dentro da roupa. Até o Zagalo foi ver a peça, no tempo da Copa, o Belo e o Dida, o goleiro da Copa.

BULUNGA – De quem é o texto de “O Espírito Baixou em Mim”?

MAURÍCIO – O Ciambrone (Ronaldo) era nosso amigo, e a gente já tinha feito a peça “Nua na Platéia”, que era dele, e ele mandou um monte de textos para nós e a gente separou o “Espírito”, mas não íamos fazer, porque o Ílvio ia começar a gravar a novela “Brida”, que ia entrar depois de Mandacaru. Só que depois que os atores que iam começar a trabalhar na nossa peça saíram e assim achamos que o jeito seríamos fazer nós dois, só para estrear, e se fôssemos chamados para a novela a gente colocava outros atores em nosso lugar. A Bibi Ferreira veio a Belo Horizonte só para ver a peça. A Marília Pera viu a peça e falou que queria nos dirigir, e aí comprou um texto, “A Saga da Senhora Café”, da Heloísa Périssé, e nos deu de presente. A peça “O Espírito” mudou as nossas vidas.

ÍLVIO AMARAL – Nessa Campanha (de Popularização do Teatro) a gente queria fazer a peça no teatro Palácio das Artes, mas lá eles exigiam o passaporte da vacina, por causa da pandemia, e aí a gente teve que fazer duas sessões no Teatro Chico Nunes, numa quinta-feira, e a casa lotou.

MAURÍCIO CANGUÇU – Nessa Campanha, apesar da pandemia, conseguimos fazer uma média de 800 pessoas por dia. Com relação à peça “Espírito”, no começo muita gente tinha preconceito, por ser uma peça popular, mas depois a coisa mudou, eles perderam esse preconceito.



BULUNGA – Durante quanto tempo vocês ficaram em cartaz com a peça “O Espírito Baixou em Mim” e qual foi o público total?

ÍLVIO AMARAL – Em 25 de julho a gente completa 24 anos em cartaz, com um público aproximado de 4 milhões de espectadores. A peça que maior tempo teria ficado em cartaz teria sido “Trair e Coçar é só Começar”, mas acredito que agora é “o Espírito Baixou em Mim”.

MAURÍCIO CANGUÇU – Temos muito orgulho de sermos mineiros, com esse sucesso, e o Ílvio adora carregar no sotaque mineirinho quando estamos no Rio e em São Paulo, porque temos que valorizar a gente. Nós íamos fazer a peça nos Estados Unidos, mas foi no ano da pandemia, e agora está voltando a possibilidade de apresentar lá, pois tem uma enorme comunidade brasileira. E aí a gente pode ganhar em dólar. Essa história começou quando a gente estava passeando em Nova York e depois fomos para uma boite em Boston, e uma pessoa reconheceu o Ílvio, mas pensamos que fosse uma pegadinha de algum amigo. Depois fomos em Paris, andando perto do Rio Sena, e uma senhora muito elegante perguntou se éramos da peça “O Espírito Baixou em Mim”. A gente fica muito feliz com essas coisas, ser reconhecido até fora do país, pois é o reconhecimento do trabalho da gente. Está voltando essa ideia de apresentar lá nos EUA, com um cara que mora lá e está olhando pra gente.

ÍLVIO AMARAL – Não sei se estou mais na idade de fazer essas coisas. Estou mais para comprar um terreninho numa praia (risos)...

MAURÍCIO CANGUÇU – Estamos muito felizes com a peça “Maio – Antes que Você me Esqueça”. De certa forma, foi na nossa vida como o “Espírito Baixou em Mim”, pois caiu em nossas mãos, começamos a ler e aí ligamos para o Jair Raso, que é o autor, e falamos com ele “a gente está lendo a sua peça: vamos montar?”, e ele perguntou “quando?”, e eu disse “hoje” (risos). A noite a gente se encontrou e começamos a montar. Uma montagem que meio por acaso e as coisas estão indo. Nós paramos agora com o fim da campanha e devemos voltar em abril ou maio. Devemos fazer em São Paulo e em BH.

BULUNGA – Quando tempo vocês gastaram para montar o “Espírito”?

MAURÍCIO CANGUÇU – Vinte dias. Nós estreamos na semana seguinte ao final da Copa de 1998. Teve uma época que a gente tinha tantas apresentações que deixávamos dois ou três cenários para atender a demanda. Por exemplo: tínhamos Maceió, outro em Ipatinga outro em São Paulo. Aí mandávamos um cenário para Maceió, outro para Ipatinga e o outro para São Paulo, e os atores e a equipe técnica iam de avião.

ÍLVIO AMARAL – Era uma coisa insana. Até uns dois ou três anos a gente deixava um cenário em Betim, outro no Shopping Estação em Venda Nova e outro em BH.

BULUNGA – Na peça “um Espírito” tinha uma cena em que o Ílvio passava por uma parede. Como era esse efeito?

ÍLVIO AMARAL – Era com elástico, daquele grosso, pintado da mesma cor da parede. Certa vez, fomos apresentar no Hotel Tauá, porque vendíamos o espetáculo para empresas, e era para uma empresa farmacêutica, e a Mariza avisou que não era para ir onde tinha o elástico, porque tinha uma pilastra naquele lugar, mas me esqueci e fui com vontade e bati a cabeça na pilastra e voltei rodopiando, sentindo tonteira e soltei um caco: “não consegui passar dessa vez” (risos).

MAURÍCIO CANGUÇU - Teve uma vez lá no ICBEU e o Ílvio estava com um problema de coluna, mas ele não tem mais, e na cena em que atravessava a parede, ele caiu e machucou a coluna. Ele ficou caído no palco, e nós percebemos que estava acontecendo alguma coisa, e a plateia ria muito. O Enzo, que era um ator que estava a plateia, subiu no palco para ajudar, e a todo mundo ria ainda mais. Eu pedi para a Mariza chamar uma ambulância. Em seguida, falei para a plateia que o Ílvio se machucou e que não poderíamos continuar com a peça, e que devolveríamos o dinheiro do ingresso. Acabou que o pessoal foi saindo, mas umas quinze pessoas, todos mais velhos, ficaram lá nas cadeiras. Fui até elas, falando que a peça tinha acabado, mas eles falaram que sabia como funcionavam essas peças interativas mas que preferiam ficar até que todos voltassem. Foi difícil convencer a eles de que era verdade que o Ílvio havia se machucado. Só depois que chegou a maca e levaram o Ílvio foi que eles acreditaram.



BULUNGA – Quais são os próximos projetos da dupla?

ÍLVIO AMARAL – Nós vamos ficar com o “Espírito” e também “Maio”, viajando. Estamos ainda devagar, com medo da pandemia, vamos ver o que vai dar, também com esse negócio da internet, desse “stand-up” que está fazendo muito sucesso.

MAURÍCIO CANGUÇU – A gente está com a agenda preenchida com esses dois espetáculos e felizes. A gente recebe muitos textos, a gente corre atrás, assiste muitos espetáculos para aprender.



ÍLVIO AMARAL – A gente está produzindo stand-up em Belo Horizonte, Vitória, cidades do interior, com o Tiago Ventura, Diogo Almeida, Renato Albani, que é mais uma atividade da CANGARAL, que envolve muita gente. Além da atividade de produtores, mas também como produtores.

MAURÍCIO CANGUÇU – Eu tenho vontade de fazer essa peça nos Estados Unidos para ficar lá um tempo, e é por isso que faço inglês há quatro anos, pois quero curtir um pouco o país, conhecer, viajar, mas também diminuir o ritmo, apesar de ter muito prazer em trabalhar. Não é dolorido fazer teatro, faço com prazer, mas às vezes dá vontade de beber uma cerveja à tarde, mas não faço isso quando tenho espetáculo.

VIAJAR, COMER E SE DIVERTIR

Você já viajou para o sul do Brasil? Ainda não? Pois não sabe o que está perdendo. O bom mesmo é ir de carro, partindo do seu destino e parando de cidade em cidade, mas dependendo de onde estiver, pode ficar muito longe, e aí o jeito é ir de avião. Contudo, vale o sacrifício. Você pode começar por Curitiba, que é a capital do Paraná, um lugar excelente para passar, no mínimo, três dias, mas cinco seria o ideal.

Seria um crime não visitar os parques Tinguá, Tingui, Barigui, conhecer o Bosque Alemão, o Bosque Municipal João Paulo II, a Ópera de Arame, o Jardim Botânico, visitar os teatros, tentar assistir algum espetáculo com a turma do Canal Hipócritas, passar pelo Curitiba Comedy Club para dar umas risadas com o pessoal do Stand Up, e talvez dar a sorte de ver a apresentação do Diogo Portugal, do Afonso Padilha, entre outros comediantes nativos.



Ainda em Curitiba, caso queira comer uma tradicional comida libanesa, experimente o Nayme, que fica na Av. Vicente Machado, 1482, no Batel. Eles tem uma espécie de “sequência” de pratos típicos e talvez você se espante ao provar o verdadeiro tempero da culinária árabe. Mas se você for chegado em um shopping e estiver com fome, não deixe de ir no Empório Pantucci, que fica no Shopping Pátio Batel, um dos mais luxuosos da cidade. As massas e as pizzas de lá são maravilhosas, mas posso arriscar que o filé à parmegiana deles, acompanhado de massa ao sugo, é uma coisa de outro mundo.

Saindo de Curitiba cedo, você pode dar uma parada em Joinville, em Santa Catarina, que é bem perto, ficando lá o dia inteiro e viajando na manhã seguinte, mas não pode deixar de conhecer o Parque dos Hemerocallis, onde vai se maravilhar com as mais diversas espécies de flores e plantas, em um passeio que pode parecer chato, mas é imperdível. Dá para ficar uma manhã inteira por lá.



A partir de Joinville, você pode ter diversas opções, e eu não perderia nenhuma: passar em Brusque, para conhecer as centenas de lojas de artigos do vestuário e comprar até para revender; pode ir para Blumenau e ficar por mais dois dias, para provar a variedade de comidas alemãs na Vila Germana, além de conhecer seus simpáticos museus. De lá você pode desviar para Pomerode, considerada a cidade mais alemã do Brasil, onde será possível conhecer o centro comercial, os museus e restaurantes com comidas típicas, passando um dia bastante agradável.



Em seguida, pode passar pelas praias, escolhendo entre Balneário Camboriú, que tem uma estrutura mais completa e sofisticada, ou ir até Porto Belo, optando pelas regiões de Bombas ou Bombinhas, sendo a Praia do Mariscal, o ambiente perfeito pra quem quer um lugar menos agitado. Pode, também, passar por Florianópolis, onde existem dezenas de praias, sendo a mais famosa a de Jurerê Internacional, onde os magnatas gostam de parar as suas lanchas e iates perto da faixa de areia, para fazer inveja em todo mundo.

Descendo ainda mais, pode desviar para Aparados da Serra, na cidade de Praia Grande, que na verdade não tem praia nenhuma, mas é cercada por montanhas, com maravilhosos canyons, onde os guias promovem passeios incríveis.

Gramado será o próximo destino, e deveria ser obrigatório a todo ser vivente da terra conhecer aquele lugar, que não parece fazer parte do Brasil, mas da Europa, com a vantagem de falarem português. Mas reserve um dinheirinho extra, porque as coisas por lá não são baratas. Os restaurantes geralmente servem Fondue à noite, o que pode não agradar a muitos, mas existem muitas opções de massas e carnes, mas para quem não quer gastar muito, pode se contentar com sanduíches, caldos e até "pratos-feitos".

E existem centenas de opções de hotéis, desde os de nível internacional até confortáveis pousadas. É só procurar que você encontrará alguma coisa que esteja ao alcance do seu orçamento.



De lá você poderá conhecer Canela, que é uma cidade aconchegante, mas menor que Gramado, e Nova Petrópolis, que fica a poucos quilômetros, passando por uma estrada muito bonita. Lá você não pode deixar de visitar o Parque Aldeia do Imigrante, que é como voltar no tempo, como se estivesse em uma típica aldeia alemã, com direito a provar alguns lanches típicos, como um strudel e outras tortas típicas alemãs. Para deixar um registro, experimente tirar uma foto com roupas típicas com efeito envelhecido, em um estúdio de fotografia que tem lá.



Um bom atrativo na cidade são as lojas de malhas, com preços bem interessantes. Mas também tem o famoso café colonial típico alemão, com pães e bolos de todos os tipos, as mais variadas salsichas, presuntos e demais embutidos, tortas doces, o autêntico strudel, sucos, biscoitos, mas é bom avisar que você deve ficar o dia anterior em jejum, ou não vai conseguir comer nem um quinto do que servem.



Por fim, uma boa opção é esticar o passeio para visitar algumas vinícolas como a Casa Valduga e a Salton, atração que pode ocupar uma tarde inteira, sendo bastante interessante. Já para quem gosta de cidade grande, com mais uns cento e poucos quilômetros, você chegará em Porto Alegre.

Poderíamos falar muito mais, mas deixaremos para outro artigo, quando procuraremos dar detalhes de cada uma dessas cidades, ou não teríamos espaço nesta revista.



Não existe uma época específica para visitar a região, mas aconselhamos que seja feito no inverno e na proximidade do natal. Em alguns lugares, no inverno, a temperatura pode cair abaixo de zero, chegando a nevar, como ocorreu em 2020. Mas no natal a beleza das decorações de algumas cidades como Gramado garantem um espetáculo imperdível.

CONVERSA DE CRENTE

SERÁ O FIM, SERAFIM?

Tem um faxineiro da empresa onde trabalho que se chama Serafim. Ele é muito simpático, sorridente, anda sempre com a Bíblia debaixo do braço e eu lhe pergunto, vez ou outra: “será o fim, Serafim”? E ele sempre responde sim.

Dizem que o fim, finalmente (desculpem-me a redundância) está próximo, e que pode acontecer a qualquer momento, pois a contagem do tempo é randômica. Ainda mais com essa recente ameaça de uma 3ª Grande Guerra Mundial, possivelmente motivado por esse conflito entre Rússia e Ucrânia, e também com a iminente invasão da China a Taiwan que, se confirmados, poderão alterar todo o cenário geopolítico que hoje conhecemos.

Poucos conseguirão imaginar a dimensão da crise que pode sobrevir, não só com relação às mortes, à destruição de cidades ou países diretamente envolvidos, mas principalmente com a grande possibilidade de ataques à “web”, da qual o mundo se tornou dependente, com danos aos cabeamentos e postos estratégicos, ou mesmo uma ação coordenada de “hackers” o que pode resultar a paralisação de bancos, de indústrias, do comércio em geral, obrigando o planeta, da noite para o dia, a retroceder cinquenta anos ou mais, afetando toda a economia mundial, o que há de causar um empobrecimento geral e, conseqüentemente, mais mortes.

O mundo está apreensivo. A tensão é geral. Nesses momentos muitas pessoas começam a refletir acerca da existência, deixando de lado questões meramente materiais, e as religiões podem representar um alento, um consolo, uma esperança.

A base de todas as crenças é o medo. Raios, trovões, chuva, sol, lua, fogo, ventanias, terremotos, ciclones, furacões, erupção de vulcões, cada um desses fenômenos da natureza, entre outras manifestações inexplicáveis e repetitivas como a morte, o nascimento, o adoecimento, a cura, deram origem a entidades específicas, sob as mais criativas denominações, ao longo de milhares de anos da existência do incorrigível homem sobre este conturbado planeta. Ainda mais agora, com esses rumores de guerra.

Assim, está na hora de rever conceitos, de refletir sobre as besteiras que fizemos na vida e tentar cuidar da alma, porque o corpo pode não dar para aproveitar, mas tem muita gente que não acredita em nada, que pensa que é tudo coincidência e obra do acaso. Porém, apegados a superstições, na hora que a coisa aperta, como em situação de guerra ou de qualquer outra tragédia, acabam deixando escapar um “ai, meu Deus”, e se porventura um milagre acontece, não o reconhecem: seguem em frente, como se fosse um simples resultado da

matemática das probabilidades.

Na maioria das vezes, a cultura atrapalha o pleno exercício da fé, sendo muito mais fácil para uma pessoa simples assimilar essas questões do sobrenatural e por isso são, invariavelmente, consideradas “ignorantes”, como é o caso do Serafim.

Para uma pessoa instruída pode soar ridículo a crença em algo invisível, mas essas mesmas pessoas podem se dar ao luxo de acreditar em duendes, em fadas madrinhas ou em um bondoso papai-noel.

Para os céticos, tudo não passa de uma artimanha criada pelos detentores do poder, denominado Estado, objetivando o conformismo e a subserviência do seu povo, sem que consigam refletir que os regimes totalitários, melhor dizendo, ditatoriais, invariavelmente atacam as religiões e a fé, e seria um contrassenso imaginar que estão combatendo uma fórmula que haveria de lhes ser benéfica.

São esses seres desprovidos de credulidade que defendem a prevalência de um estado laico, mas se empenham em desestimular, ou mesmo proibir qualquer espécie de religião, pois, na condição de teóricos da “absoluta imparcialidade” almejam um governo sem Deus, mas a lógica é que não deveriam coibir manifestações religiosas, mas garantir a não predileção de uma sobre outra crença, respeitando-se todas.

A eternidade, para os descrentes, pode significar a permanência por um período de prorrogação neste planeta, à custa de remédios e intervenções cirúrgicas que transformem essas pessoas em um exército de zumbis, dada a semelhança com aquelas espécies dos filmes que se movem com extrema dificuldade, deixando seus pedaços ao longo das vias, sempre em busca de carnes vivas e pulsantes para compensarem o seu estado de putrefação.

Um conflito da dimensão de uma 3ª Guerra Mundial poderá impulsionar uma corrida à salvação em Deus, mas o contrário também é previsível, sendo capaz de provocar uma descrença generalizada, instaurando-se o caos.

Diz a Bíblia que, nos últimos tempos, muitos serão chamados, mas poucos serão escolhidos, e sabemos que essa passagem de fase está condicionada ao cumprimento de condições aparentemente elementares de relacionamento humano e reconhecimento da soberania divina. Sendo assim, o melhor é seguir o exemplo de Serafim, com sua simples e assertiva filosofia, paciente e obedientemente à espera do tão temido fim.

Michel Salomão

O FRACASSO HUMANO EM "UM HOMEM BOM É DIFÍCIL DE ENCONTRAR"

por Jorge F. Isah



O que dizer de Flannery O'Connor?

Fui levado à leitura pelos comentários entusiastas do Prof. Rodrigo Gurgel e do meu amigo, ainda que um amigo intermitente, Leonardo Galdino. Comprei-o, e amargou a estante e o envoltório por três longos anos. Antes deles, nunca ouvira falar da autora, e devo-lhes a gratidão de tê-la me apresentado.

Quando, enfim, tomei-o em mãos, arranquei-lhe o plástico, e comecei a leitura, vi-me diante de uma obra impactante, brutal, macabra, em alguns momentos até mesmo fantástica, mas suficientemente bela, lírica e, não se assuste, espiritual. Sim, Flannery descreve a incapacidade humana de alcançar a paz interior, e entre os seus semelhantes, mesmo que a busque com ânsia e persistência. Vía de regra, o homem é mau, em sua soberba, independência, autossuficiência, egoísmo e na frieza do trato comum. Não parece haver solução; e a morte, algumas vezes, pode ser um alívio, até mesmo para o leitor compadecido com a dor, a angústia e o sofrimento da(s) personagem(ns).

Vivendo e descrevendo pessoas, lugares e situações dos EUA sulista, a autora perpassa pela vida de agentes e indolentes, com a candura de uma mãe ensinando repetidas vezes aquilo que o aluno teima em não aprender. Todos somos pecadores, em maior ou menor grau; e se um bandido pode matar friamente uma velhinha com tiros no peito, enquanto ela se considerava, por toda a vida, a si mesma uma alma boníssima. Diante da morte iminente, os pecados são-lhe expostos; percebe que, ela mesma, não é muito diferente do facínora. E assim, sonhos são desfeitos; desejos rejeitados... Um círculo vicioso leva o homem a se prender na própria carência, que pouco ou nada pode colaborar para a sua interrupção. Quase nada sobra em um mundo fadado ao fracasso, se a busca de salvação encontra-se no homem em vertiginosa queda.

As pessoas são de um automatismo absurdo, de uma indiferença desagradável, ou uma proximidade doentia. Um dos exemplos encontra-se no conto "Gente boa da roça", onde uma jovem loura e corpulenta, que perderá uma das pernas na infância, após a maioridade, troca o nome de batismo "Allegra" por "Hulga". A mãe não conseguia entender a opção da filha, por apropriar-se legalmente de um nome que a remetia a "um casco largo e cor de pulga de um navio de guerra. Recusava-se a usá-lo". A filha demonstrava rejeitar os valores familiares, sem qualquer apego ou gratidão pelo cuidado e esmero que a mãe devotava. Ela declinava de qualquer convenção familiar ou social, colocando-se em posição arrogante, orgulhosa de seus feitos, ainda que fossem uma proteção natural para a sua deficiência. Mas tudo desmorona com a chegada de um caixeiro-viajante. Que planeja humilhá-la, com um plano ignóbil de roubar-lhe o membro artificial.

Se o intento foi minuciosamente planejado e aplicado, a fim de dar o golpe, a vítima, insensível, dura, orgulhosa de seus diplomas e cultura, não é menos inocente. Na verdade, ela merecia cair no ardil, pois considerava a sua razão e intelecto o suficiente para compensar a perna perdida na infância; e de torná-la superior, elevada, diante dos seus semelhantes. Se faltava-lhe um membro, sobrava o desprezo às pessoas, a Deus, e a si mesma (ainda que, nesse aspecto, não tivesse a percepção suficiente para compreendê-lo); o orgulho gélido com que se autoexaltava, desdenhando da própria mãe, da empregada (uma mulher que tinha duas belas filhas e uma paixão lânguida por tragédias, doenças crônicas e incuráveis) e de suas demais relações, tornavam-na não a mais esperta das mulheres, como supunha, mas uma presa fácil nas dissimuladas intenções do jovem vendedor.

Nos momentos finais, sem poder se locomover, ouviu o algoz lançar-lhe em rosto a sua estultice, enquanto guardava a prótese na valise. Ele também é um incrédulo, arrogante, explorador de velhinhas e mulheres ingênuas, orgulhoso dos seus feitos, impenitente, vendendo Bíblias e livros religiosos como se um religioso fosse, não passando de um vigarista. Mas aqui é colocado em xeque a fragilidade do racionalismo, como âncora das virtudes humanas e da ostentação, quando os adeptos são prosélitos, dísticos de otário.

Ainda assim, a aleijada queria um relacionamento. Desprezando a mãe e conterrâneos, é seduzida pelo jovem, quatorze anos mais novo, e o apelo que ele

faz à sua maneira, a beleza de Hulga. No fim das contas, toda a pompa intelectual, o cuidado racional, o ceticismo como estilo de vida, sucumbiu ao mais comum dos rogos: a vaidade. A sinceridade dos românticos deu lugar à lábia do astuto, a arrancar a confiança, a intimidade, guardada estoicamente na fortaleza da alma da mulher. Entretanto, o que considerava o alicerce do caráter, foi a sua fraqueza, o calcanhar de Aquiles. A força não estava na confiança, mas na inveja, e nela não existe pujança, mas debilidade. E a debilidade acaba por tomar-lhe o cuidado, o distanciamento necessário para reconhecer no estranho cafajeste.

Mas ela não queria ver a realidade, nem de si, nem dele; de, por algum motivo oculto, não haver a menor possibilidade de imperfeição na relação... Pouco a pouco ela se encanta, abre a guarda, se submete, crê. Bastaria o arrependimento, ver-se como realmente era, para não ser tragada na patifaria. Soberba e queda caminham juntas; autoengano é a própria morte, se não se desperta do letárgico delírio, do orgulho, e das mentiras incansáveis que consideramos reais. Indefesa, nada pode fazer diante da ridícula exposição, enganada por um garoto iletrado, mas astuto. E a constatação dolorosa do seu erro a silencia. Não mais apela à civilidade, ao bom senso; vítima de si mesmo e à mercê do próprio esnobismo. A sua fé cai por terra, desbarata-se, como castelo de areia em meio à tormenta.

Não sabemos o que aconteceu depois, enquanto

o jovem trapaceiro se afastava triunfante do celeiro, onde abandonou-a solitária. Mas, certamente, se ela não reconheceu os erros e a incapacidade de autorredenção, apenas asseverou-se a amargura e o ressentimento por uma vingança, sem perdão. E o ceticismo certamente tomou-a de si mesma: não era confiável, nem suficiente. Da parte dele, sua revanche era itinerante; jamais passaria disso, da mesma forma que o cego somente pode ver a escuridão.

Flannery trata, via de regra, da impossibilidade humana de apagar as manchas do pecado original, enquanto o homem labora incessantemente para extinguir de si o “Imago Dei”, como se o negar a Deus e o seu auxílio pudessem impedi-lo da miséria e desgraça nas quais sucumbiria.

Não é um livro triste, não premeditadamente triste. Chega a ser engraçado em vários momentos. O desacerto das relações humanas pode resultar em leveza e divertimento. Também não é um livro sisudo, amargo, pois a autora indica um caminho em meio à estranheza de suas histórias. E nada disso é pouco; quando se está às voltas com a vulnerabilidade e desequilíbrio humanos, enquanto se acredita soberano de si mesmo. Talvez, por isso, ela insista em afirmar no título, e em um dos contos, que “Um homem bom é difícil de encontrar”. Sem Deus, o homem é o que é, e não pode deixar de sê-lo, por mais simplório que isso possa parecer

Um homem Bom é Difícil de Encontrar

Flannery O'Connor
Editora Nova Fronteira
224 Páginas



Eu sou o Luiz, diretor executivo da Internúcleo.

Poderia falar muitas coisas em relação aos nossos serviços mas, certamente, a melhor expressão para definir quem somos e o que fazemos são os vocábulos parceria e parceiros.

Por isso, somos capazes de não somente atendê-lo em suas demandas mas solucioná-las de forma rápida, criteriosa e inovadora. Se buscamos o melhor, somos capazes de entregar também o melhor.

Conte conosco! O nosso quadro técnico altamente qualificado se encarregará de dar a você, e a seus associados, a tranquilidade e eficiência para gerir o seu negócio e o seu lar com a atenção e disposição de torná-los auspiciosos e profícuos. Será um prazer tornarmos parceiros. Contato: (31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)



O MEDO DA CÂMERA (I)

Por Daniela Savassi

“Eu estou na janela do meu quarto, ela tem grades, porque meus pais têm medo de crianças como eu caírem das janelas. Ouvimos alguns casos aterrorizantes desses que aconteceram aqui em Belo Horizonte. Lá embaixo estão todas as crianças do prédio, inclusive meus irmãos. Eu grito para minha irmã vir me buscar para que eu também possa descer para brincar. Eu morro de medo de descer de elevador sozinha, de sair de casa sozinha. Eu também tenho muito medo de cachorro, a ponto de largar da mão dos meus pais e atravessar a rua na frente dos carros se eu vejo um cachorro há alguns metros de distância na mesma calçada. Eu não sei ainda, porque sou criança, mas esse medo tem nome e chama-se síndrome do pânico!” Aloha! Quero falar com você aí leitor! É, com você mesmo! Você que tem tantos medos, inseguranças, receios e fantasmas como qualquer outro ser humano existente na face da Terra. Você já ouviu falar em “medo da Câmera”? Atualmente, nesse contexto digital que vivemos, esse é mais um monstinho que tem atormentado a vida dos profissionais.

Nessa nova Era, parece que até uma formiga precisa fazer vídeos, abrir uma conta no instagram, fazer umas dancinhas no tiktok para ser reconhecida em seu formigueiro, não é verdade? E esse medo da câmera é na verdade o nome dado para todos os medos e inseguranças internas que nós temos.

Não existe um medo real da câmera. Você sabe que ela não é um monstro, que não vai te atacar ou te julgar. Para enfrentarmos esse “medo da câmera” precisamos descobrir, na verdade, quais são nossas inseguranças e receios.

Eu fico me perguntando, cada vez que vou entrar no palco, o porque de ter escolhido essa profissão. Cada dia é um público diferente. A gente não sabe como eles vão reagir e quais

imprevistos teremos que enfrentar durante aquele espetáculo. Mas, assim que eu entro em cena todo o medo some e vira diversão. Ao final da apresentação estou cheia de energia. Certa vez, quando me chamaram para uma peça de teatro em que teria que fazer várias personagens, estive prestes a negar. Eu teria que fazer 5 personagens diferentes e NÃO sabia se seria CAPAZ. NÃO sabia se era BOA O SUFICIENTE. Cheguei na reunião e todos estavam tão à vontade entre si, já se conheciam bem e eu estava lá, toda deslocada. NÃO sabia se seria bem ACEITA. Tive medo de JULGAMENTOS ou algum tipo de BULLING, que por sinal, já havia enfrentado em outro trabalho. Além do mais, os ensaios seriam em um local pra mim desconhecido e, como carregos resquícios de uma síndrome do pânico que me tomou parte da infância e adolescência presas dentro de casa, foi mais um forte motivo para declinar.

Entretanto, como tantas vezes na vida, encontrei a chave para superar esse desafio que, para mim, era real naquele momento. E é esse maravilhoso segredo que quero dividir com você nesta coluna. Para que consiga também vencer isso que está te dominando e te fazendo sentir menor.

A partir de hoje eu te convido para um encontro semanal aqui, onde vou compartilhar com você um compilado de aprendizados adquiridos em mais de 20 anos de carreira nacional e internacional como atriz e produtora nos palcos e no cinema. Vou te passar técnicas, dicas e exercícios. É isso mesmo. Essa não é uma coluna passiva, será interativa e você, um leitor ativo para a superação de seus desafios. Topa? Então até semana que vem.

BLITZ
1 ANOS

Palácio das Artes
sexta-feira, 11 de março de 2022 - 21 horas
Belo Horizonte - MG

"WHAT HAPPENED MISS SIMONE?"



por Jorge F. Isah

Ontem, assisti a um documentário da Nina Simone, na Netflix.

Primeiro, quero salientar, sou fã da cantora. A sua voz potente, crua e profunda, sempre me emocionou, ao mesmo tempo causando um espanto, surpresa, com as suas variações tonais e uma melodiosa tristeza com rompantes de alegria comedida. Seria, guardadas as devidas proporções, como ouvir um mudo produzir, de uma hora para outra, uma frase operística. Talvez, não esteja expressando-me adequadamente em relação ao seu talento, mas foi o que me veio à mente a primeira vez que a ouvi, e, novamente quando a ouço.

Segundo, Mas não é sobre o seu dom inegável para a música o assunto deste texto. No filme, ficou evidente como ele pode se tornar em uma maldição, quando mal aproveitado, conduzido, e contaminado pelo discurso ideológico, onde a arte deixa de ser arte para se tornar em militância, empobrecendo o autor(a) e o público.

Foi possível perceber o mal e a destruição que a ideologia fez em sua vida, tornando-a uma paranoica, violenta e solitária, além de drenar e minar todo o seu talento, em nome de uma "causa"; entregando-se de corpo e alma ao ativismo, penetrando as fronteiras mais densas da escuridão, do ódio, do terror, e da escravidão mental e espiritual, numa defesa intransigente do indefensável, da revolta alucinada por um mundo terreno perfeito, onde finalmente seus anseios e deficiências seriam satisfeitos por uma "nova realidade", utópica, etérea, delirante.

Na busca por alguma justiça (uma guerra "racial" intentava a supremacia negra na sociedade americana), qualquer meio (protestos, terrorismo, assassinatos) eram legítimos, necessários, mesmo que viesse apenas e tão somente implantar outro padrão de injustiça, mas que, no final, era apenas o restabelecimento de uma justiça perdida, a verdadeira justiça proclamada pelo ativismo negro¹, onde a igual-

dade significava a humilhação, a transformação e o aniquilamento da sociedade "branca".

Nina passou a odiar o mundo (literalmente), Deus, seu país, sua música, a si mesma. Tornou-se em suicida, aniquilando-se pouco a pouco; não estava preparada para compreender as implicações de sua militância, e deixou-se apenas seduzir por um discurso falacioso de igualdade em que as consequências seriam a perpetuação da desigualdade, da injustiça, usando o seu talento de maneira panfletária, estereotipada, impessoal.

Perdeu espaço na mídia, foi rejeitada por gravadoras, acusando-as de lançarem-na no limbo; mas, afinal, o que esperava do seu inimigo declarado? Que ele a munisse de mais subsídios em sua batalha destrutiva? Ou que ouvissem os seus absurdos, aplaudissem-na, louvassem-na, aprovando a insanidade e a indigência moral? Ainda assim, houve espaço, e muito espaço, nos palcos, universidades, protestos, marchas, e em todos os eventos revolucionários da época, sendo uma "garota-propaganda" do movimento progressista americano. O seu talento mingou a olhos vistos... As músicas eram apenas veículos para o discurso de ódio racial (aos brancos), o mesmo que julgava combater, em relação aos negros.

Acabou por autoexilar-se na África, abandonando a música, odiando-a; abandonando o piano, seu companheiro desde os quatro anos (ensinada por uma velha senhora branca que a patrocinou em suas primeiras exposições, como concertista clássica), odiando-o; jamais se arrependeu da sua militância, mesmo quando abandonada pelo "movimento", visto não lhe ser mais útil. Por fim, acusava a indústria fonográfica, a sociedade branca, os EUA, por todos os males advindos em sua vida, sem jamais fazer um autoexame, crítico, sincero, de seus equívocos.

Nos últimos anos, acolhida por amigos (os mesmos

brancos que desejou mortos), voltou ao jazz, mas sem o brilho da primeira década profissional. Ainda assim era possível ver uma mulher autoritária, intransigente e perturbada com os rumos que sua vida levou, após coabitar no universo revanchista e da luta pelos direitos civis. A sua militância no ativismo negro acarretou-lhe sequelas incuráveis, especialmente em uma alma atormentada, inquisidora e odiosa, incapaz de adentrar a realidade, reconhecer a verdade, absorva em um mundo fictício, cínico, niilista, a atormentá-la incessantemente. Uma vida desperdiçada (ao menos, boa parte dela), enganada pelo discurso "intelectual" da época, buscando significado no absurdo, na mentira, no delírio, tornou-a psicótica, amarga, deprimente, sem identidade.

No fim das contas, quando não mais era útil, viu-se perdida em um mundo inexistente; porém, sua mente adestrada não quis se libertar, arrepende-se, e manteve-a prisioneira.

Posso parecer dogmático, insensível, até mesmo cruel, mas quando há obstinação no pecado e uma revolta, em primeiro lugar, contra Deus, as trevas são os lugares mais próximos a nos recolher. Se ela

tivesse a honestidade de reconhecer a sua situação, como o salmista teve, perceberia que "um abismo chama outro abismo, ao ruído das tuas catadupas; todas as tuas ondas e tuas vagas têm passado sobre mim" (Sl 42.7). E concluiria, arrependendo-se, como o mesmo salmista, que "assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 42.1-2).

Vida nenhuma vale a tristeza da inimizade com Deus; e qualquer movimento, nessa direção, significará em destruição e morte, mesmo que o tolo não as reconheça, fruto da própria vaidade ou seja, da própria morte instalada em sua alma.

Nota: 1- Nina Simone estava despreparada para entender as falácias do ativismo negro americano (não tinha a bagagem cultural necessária para criticá-lo, para entender suas contradições e desatinos); entregou-se a ele de corpo e alma, arruinando a sua vida, carreira, e afastando-se da realidade, vivendo em um mundo perdido na sua confusão mental. O problema não está apenas nas universidades, nos sindicatos, na mídia, mas está presente no cotidiano: levar a cabo a loucura e a quem puder se arrastar.



DIÁRIO DE UM CONFINAMENTO

Capítulo 4

Com esse confinamento forçado, não paro de comer chocolates. Estou comendo, em média, uma barra de 250 gramas por dia, o que acho exagerado. A sorte é que é meio amargo, e assim posso não ter maiores complicações com o açúcar, mas pode afetar outras coisas, pois sabe-se lá o que usam na composição desses produtos.

Sei que em sua fórmula estão todos os tipos de conservantes, para garantir que fiquem por muitos anos nas prateleiras. Ouvi dizer que de tempos em tempos mudam apenas a embalagem, ou derretem tudo e fazem de novo. Podemos estar comendo chocolates que foram dos tempos dos Faraós. Mas nem sei se eles comiam chocolates. De qualquer maneira, podem ser bem velhos. Esses mesmos produtos químicos que utilizam para conservar os alimentos poderiam servir para garantir a nossa longevidade, mas dizem que causam câncer.

Vou pesquisar na internet para ver o que mais dizem sobre isso. A internet tem de tudo: nesta semana aprendi a tirar ferrugem de ferramentas, a consertar o lava louças, a desmontar relógios, a passar camisas sociais, a tingir roupas, a fazer broa de fubá com queijo e coco ralado, e várias outras coisas úteis. Outra vantagem da internet é poder comprar coisas que a gente não acharia em lugar nenhum. Se soubermos procurar, a gente encontra de tudo, sem precisar sair de casa. Só não gosto de pagar frete, e procuro dar preferência a produtos sem esse custo, mas é pura enganação, pois eles embutem no preço do produto. Mas às vezes é confortável ser enganado. Melhor se não ficarmos sabendo.

Encontrei recentemente o anúncio de um desamassador de lataria de carro. Comprei. Sempre quis ter um desses. Não sei direito como usar, mas está lá no armário. Só falta comprar o carro. Mentira. Eu tenho um carro. Só preciso amassá-lo para poder usar o produto que comprei. Também comprei um levantador de móveis, que tem umas rodinhas para você colocar debaixo e transportar para um lado e outro, ou pra frente e para trás, mas para isso precisa levantar de novo, reposicionar as placas com as rodinhas, mas o piso precisa ser plano, ou as placas saem do lugar.



Sei que às vezes compro por impulso, mas é bom a gente ter essas coisas por perto, para quando precisar. Descascador de legumes. Triturador de alho. Multiprocessador. Máquina de limpar piso a vapor. Aspirador de pó sem fio. Enchedor de pneu que funciona no acendedor de cigarros, par usar assim que comprar um carro. Mentira: eu já tenho um carro.

CAPÍTULO 5

Sai de máscara e luvas descartáveis para ir ao supermercado. Desci do carro, fechei a porta, coloquei a chave no bolso lateral direito da jaqueta, fui até o hall, apertei o botão do elevador, o telefone tocou, tirei do bolso esquerdo, atendi, guardei no mesmo bolso que havia tirado, fiz as compras, passei álcool nas mãos, ainda com luvas, na saída da farmácia, peguei a chave do carro que estava no bolso, liguei o carro e voltei para casa.



Entrei na garagem, desliguei o carro, tirei a chave do tambor, abri a porta, fechei o carro, peguei a chave de casa, abri a porta, entrei, guardei o molho de chaves no bolso, passei higienizante no solado dos sapatos, entre, tirei os sapatos, lavei as mãos e o antebraços, peguei as embalagens da farmácia, lavei tudo com detergente, coloquei na bancada da pia. Por fim, fui ao banheiro, peguei o spray e higienizei o telefone. Pronto: missão cumprida.

Recostei-me na cama, liguei a TV e fiquei vendo os noticiários, todos falando sobre as mortes e infectados pelo coronaríus. Passados quarenta minutos foi que lembrei: eu havia atendido o telefone depois de acionar o botão do elevador e esqueci de lavar a orelha. Será que vou morrer?

Capítulo 6

Não havia percebido antes, mas aquele gato está me olhando estranho. Quem ele acha que é? Sou eu quem pago a sua ração. Que está muito cara, diga-se de passagem. Se esse confinamento continuar, vou cortar a ração, e ele que vá comer ratos na casa do vizinho.

Gatos são muito estranhos. Não retribuem o que fazemos por eles. Não são como os cachorros. Não buscam quando jogamos as bolinhas trezentas vezes, para a gente jogar de volta. Não fazem festa quando chegamos em casa. Não sei para quê fui pegar esse bicho.



Nunca gostei de gatos. Talvez ele tenha percebido e por isso está me olhando estranho. Ou pode ser que eu esteja ficando louco e ele se deu conta. Este confinamento está acabando comigo. E se acabar a comida? Pelo menos vai ter esse gato. Não posso pensar alto, senão ele percebe as minhas intenções e acaba fugindo daqui.

Capítulo 7

Depois que foi decretado o confinamento, passei a sair de casa somente para ir ao supermercado,



ocasionalmente à farmácia e três vezes ao dia na rua para levar os cachorros para cheirarem os excrementos uns dos outros. Meus horários de saída com os bicho normalmente coincidem com os da Velha Fumanchu, que se parece com a mãe da Bruxa do 71, do seriado Chavez, e ela tem uma corcunda e uma bunda negativa que fica perdida dentro de sua calça cinza de moleton.

Dei a ela esse apelido porque está sempre fumando, enquanto conduz seu irritante cachorro Yorkshire. Tentei cumprimentá-la umas cinco vezes, mas ela apenas olhava para mim com desprezo, dava uma tragada no cigarro e seguia em frente, sempre com o seu animalzinho esnobe.

Talvez ela não fosse assim tão amarga antes da pandemia, mas esse isolamento tem enlouquecido as pessoas. Eu mesmo comecei a pensar que estava ficando doido, mas só depois me lembrei que já era assim antes da pandemia, e aí relaxei. Não vale a pena a gente se desesperar. É só parar de ler os jornais: eles lucram com a desgraça. Mas se dessem notícias boas, as pessoas se sentiriam ainda mais deprimidas ao perceberem que levam uma vida horrível, em comparação com outros vivos. E esse excesso de notícias ruins acaba por anestesiá-la população, que se conforma com o próprio azar.

Tendo em vista o sucesso da edição anterior, quando milhares de leitores escreveram pedindo a continuação do artigo, voltamos a falar dos carros mais feios de todos os tempos. Esperamos que o seu carro atual não esteja na lista, mas se estiver, pedimos que não se irrite, pois nunca foi nossa intenção humilhar leitores que possuem mau gosto.

ÊTA CARRO FEIO!



A Toyota, quase sempre conservadora, costuma acertar no design de seus carros, mas dessa vez errou feito, com essas lanternas escorridas.

reparem a
boquinha deste
Carro da
Peugeot: não é
a cara do
Tundhercat?



Já esse carro logo a baixo parece um Fusca invertido: colocaram a traseira na parte da frente



mais um carro
com cara de
peixe. Não
parece um
bagre?



Esse carro amarelo parece um aparelho de barbear

Vejam a
solução
miserável
encontrada
pelo
designer
para essa
traseira.



E o que dizer dessa feiurinha que até fez sucesso no passado?



Os projetistas
desse carro
quiseram imitar
um carro chique,
mas apenas
conseguiram
fazer um carro
miseravelmente
feito





Essa frente ficou com uma cara de traseira...

o designer
desse carro
teria sido o
Corcunda de
Notre Dame
ou o Cerveró,
ministro da
Dilma?



Se esse
carro fosse
verde eu
diria que foi
inspirado
naquele
bicho, o
"louva-a-
deus"



vejam que
carro triste:
parece estar
chorando

O que dizer desse feio carro azul? Sem palavras...



O designer
chinês
queria imitar
o Mini
Cooper, mas
o carro
chorou



Isso aí embaixo seria um carro ou
um charuto cubano?



Mais um
modelo de
carro triste.
Esse aí
sofre de
depressão
profunda.

Que maluquice foi essa? O cara quis fazer um modelo
futurista, mas acabou projetando um pesadelo



Mistura de carro, avião e submarino: deu essa
droga aí...

SPOILERS



O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO

Perdi a conta de quantos filmes já fizeram com a história de Branca de Neve e os Sete Anões, criada pelos Irmãos Grimm e que fez muito sucesso com o desenho animado de Walt Disney. Desta vez, o babado todo acontece depois que a branca de neve foi salva pelo príncipe, quando ela estava na torre e jogou as suas tranças para ele e... esperem! Não é bem assim. Confundi tudo.

O que importa é que nesse filme, de 2016, e que estava passando no Telecine e na Netflix, a Branca de Neve nem aparece, e colocaram só uns quatro anões feios para economizar no elenco, ou talvez não tenham encontrado outros anões disponíveis, pois virou mania participarem desses realitys shows da tv, onde os espectadores ficam querendo ver como eles fazem para se limpar com aqueles bracinhos curtos.

Mas o filme tem muitos efeitos especiais. Muitos mesmo. Alguns deles até desnecessários. Tenta ir na onda de "O Senhor dos Anéis", imitando os cenários cheios de montanhas geladas, florestas escuras, palácios sombrios e trilha sonora

assustadora. Mas vamos ao enredo.

Havia uma rainha boa, Freya, e sua irmã que também parecia boa e também era rainha, mas era má, é claro. O nome dela era Ravenna, e tinha superpoderes, enquanto a outra aparentemente não. Essa rainha má descobriu que a irmã havia sido enxertada por um rapaz e aí avisou para ela que se decepcionaria, pois o outro estaria comprometido e não se casaria com ela.

Mas a filhinha nasceu, o camarada ficou de se casar com a boazinha, e um certo dia a rainha que ainda não era má estava voltando de um passeio e viu que a torre onde ficava o bebê estava em chamas, então ela correu até lá e constatou que o bercinho estava que era só brasas e o pai da criança segurava uma tocha na mão, falando que nem um abestado: "eu não pude evitar", "eu não pude evitar". Sem perguntar o que aconteceu, ela deu um grito, lançou a mão em direção ao rapaz e ele ficou todo congelado, se dissolvendo como neve.

A partir daí a rainha boazinha ficou má, muito má, e foi embora, montou um reino onde tudo era gelado e as pessoas estavam proibidas de amar. Quem fosse pego

amando seria imediatamente executado.

Ela mandava trazer crianças de todo o povoado, separando-as dos pais e as treinava para serem más como ela, e todas faziam caras de más e se embatiam o tempo todo com espadas, machados e flechas, além de lutarem kung-fu ou coisa parecida.

Mas duas das crianças dessa primeira leva cresceram, se apaixonaram e resolveram coisar em um lago que ficava perto do castelo, e é óbvio que a rainha descobriu

logo da primeira vez, porque uma coruja branca e de olhos vermelhos viu tudo e alcaguetou, coisa mais sem graça, e a rainha mandou matar os dois.

O nome do cara era Eric, que se transformou no caçador do título, e a menina era Sarah. Ela tomou uma facada na barriga e o outro tomou uma sova boa e foi jogado num rio.

Vou avançar um pedaço da trama porque nessa hora tive que ir na cozinha esquentar o jantar, que era arroz, feijão tropeiro, panqueca de frango e couve-flor gratinada, sei que não combina, mas era o que tinha na geladeira, e quando voltei percebi que tinha esquecido de dar a pausa no vídeo, mas não perdi muita coisa importante.

O negócio é que os dois sobreviveram e arranjaram a companhia dos quatro anõezinhos feios dos quais eu havia falado, e aí enfrentaram um monte de monstros parecidos com os do filme “O Senhor dos Anéis”, até que a rainha que era boazinha e ficou maléfica, que passou a ser chamada “A Rainha do Gelo”, chegou com seu exército ao local onde eles estavam e fez com que a Sarah desse uma flechada no peito do Eric e foi embora com a rainha, numa boa, como se nada tivesse acontecido, aparentemente por livre e espontânea vontade.

Mas é claro que o caçador não morreu: ela era uma atiradora fenomenal e havia mirado em uma medalha que estava no peito dele, e ele sacou tudo, mesmo com uma das anãzinhas fazendo uma intriga, mas ele não acreditou e assim ele foi ao castelo com os anõezinhos feios para salvar a amada.

Depois de saltos mirabolantes, flechadas, arremessos de machados, facas e espadas, ele consegue chegar perto da Rainha do Gelo, mas antes disso ela tinha conseguido ressuscitar a rainha-irmã que havia morrido, esqueci de dizer. A outra saiu de dentro do espelho ainda mais poderosa, mais ainda do que a irmã, que só sabia fazer



gelo. Então elas brigam e a Rainha do Gelo fica sabendo que a irmã Ravenna foi quem fez um feitiço para que o pai do filho da irmã matasse a criança. E dá-lhe mais efeitos visuais, alguns parecidos com aquele usado na sequência de “O Exterminador do Futuro”, em que o vilão parece derreter e se reconstituir, só que o outro era prateado e a Rainha Ravenna era toda dourada, chique demais.

E sabe porque a Ravenna fez tudo isso? Porque o espelho, aquele mesmo da história original da Branca de Neve, falou para ela, depois que ela perguntou “espelho, espelho meu, quem é mais bonita do que eu”, e o espelho respondeu que a filha da irmã que havia nascido seria a mais bonita de todas.

Em resumo: toda essa palhaçada por causa de vaidade.

Assim, as duas entram no maior embate, com direito a mais efeitos visuais, e por fim a Ravenna mata a irmã, mas logo em seguida o Eric consegue destruir o espelho, momento em que a malvada se transforma em uma estátua de ouro e se despedaça toda, mas antes disso alguns pássaros dourados saem dela e voam pela abóbada do castelo.

Final feliz, o casal de heróis se beija e os dois casais de anões feios resolvem imitar os heróis.

Mas na última cena um dos pássaros aparece voando lá fora e vai em direção à câmera, todo ameaçador, dando a entender que a história não acabou. Que maravilha! Estavam pensando em fazer uma continuação dessa porcaria. Mas acho que não fizeram.

por Michel Salomão

ANÔNIMOS FAMOSOS

As crianças são, via de regra, desprezadas pela maioria dos adultos, como se não houvesse nada a se aprender, a se copiar, ou mesmo refletir. É claro que se um adulto resolve replicar parte ou a totalidade da sua vida aos moldes infantis, certamente não passará de um menino crescido e mimado, nada além de um “maioral” de cueiros.

Exemplos há aos montes: quando se vê homens e mulheres se contorcendo como uma enguia que tomou uma descarga de 100.000 Watts, alguma coisa está errada. Quando anciões se portam e agem como adolescentes, a falta de autocritica e o ridículo se institucionalizaram.

Quando as pessoas discutem e se apegam às suas opiniões (interessante como todo

mundo se sente obrigado e no direito de dar pitacos em tudo) como um garotinho se agarra ao presente do último Natal, afastando-o do coleguinha, ah! sim, alguma coisa está muito errada.

Com isso, não quero dizer que as crianças devam ser parâmetros absolutos, mas, de forma equilibrada, compreendidas em sua importância. E muita coisa somente foi possível, do ponto de vista tecnológico e científico, porque mentes privilegiadas não rejeitaram a singeleza das mais triviais e ingênuas brincadeiras. Existe algo magnífico, sublime, na simplicidade, e ela muitas vezes é a resposta às questões complexas e insolúveis da vida. Mais exemplos:

1) Alexander Graham Bell, o inventor do telefone, imaginou a possibilidade de comunicação entre pessoas a longa distância, por meio da voz (sim, já existia o telégrafo), ao ver dois garotos (ilustres desconhecidos) esticarem um fio encerado



contendo uma caixa de ressonância, simulando um fone, nas extremidades, e conversavam através da engenhoca. Algo que a maioria das crianças desconhece atualmente, e muitos de nós brincamos na infância, foi o estímulo para o gênio do pai das telecomunicações. Pense nisto.

2) Benjamim Franklin criou o para-raios a partir da observação do seu filho (ninguém se lembra do seu nome) soltando pipas. Em uma tempestade, estendeu uma pipa adaptada, a flutuar fixada por finas hastes metálicas, e pode observar o efeito catalisador do raio ao percorrer o dispositivo; de quebra, foi este lazer trivial a estabelecer o padrão de transmissão das correntes elétricas, um século depois. Pense nisto.

3) Frei Gusmão, um dos primeiros homens a subir à atmosfera em um balão, teve o vislumbre do artefato a partir de uma festa de aniversário de um sobrinho (quem se lembra?), que fez questão de decorar a sua casa com “bexigas” cheias de ar. Ao perceber algumas delas soltarem-se e subir aos céus, disse “Eureka”, como Arquimedes, e foi à sua oficina conceber algo mais divertido.

Existem outros infinitos experimentos e descobertas realizadas a partir da observação de simples brincadeiras e engenhocas reconhecidamente afeitas à diversão pueril.

Então, da próxima vez, quando um dos seus filhos ou sobrinhos apresentar-lhe algo que ninguém é capaz de dar a mínima importância, tome-o (mesmo diante do esperneio e choro do pequeno)! Quem sabe, não estará diante de um novo achado a levar a civilização a patamares jamais conhecidos? E torná-lo não apenas famoso, mas milionário?... Pense nisto...

por Jorge F. Isah

FRASES DE CHARLIE CHAPLIN



Charles Spencer Chaplin (1889-1997) era um gênio: sem palavras, conseguia transmitir sentimentos que muitos escritores não seriam capazes de traduzir, com tamanha naturalidade e simplicidade.

Carlitos foi o seu melhor personagem, que emocionou gerações, com seu jeito irreverente e engraçado, mas não foi só com ele: tivemos também “O Grande Ditador”, “Tempos Modernos”, “Luzes da Ribalta”, apenas para citar alguns, entre vários filmes, que resultaram em sucessos estrondosos, mas Chaplin também ficou conhecido por suas composições musicais, que fizeram parte de seus filmes, e por suas frases famosas.

Peguei algumas delas na internet, mas nem sei se são todas dele mesmo, pois na rede se encontra de tudo, e muitos malucos ficam escrevendo coisas e atribuindo a outras pessoas. Certa vez, recebi um texto atribuído a Arnaldo Jabor que fui eu que escrevi. Rodou a internet toda e voltou para mim. Mas isso não vem ao caso.

Aqui vão algumas das melhores de suas frases:

Falar sem aspas, amar sem interrogação, sonhar com reticências, viver sem ponto final.

Não fique triste quando ninguém notar o que fez de bom. Afinal, o sol faz um enorme espetáculo ao nascer, e mesmo assim, a maioria de nós continua dormindo.

Quando se planta cuidado, colhe-se gratidão.

Nada é permanente nesse mundo cruel. Nem mesmo os nossos problemas.

Se você tivesse acreditado nas minhas brincadeiras de dizer verdades, teria ouvido muitas verdades que insisto em dizer brincando... Falei muitas vezes como um palhaço, mas nunca descreditei na seriedade da plateia que sorria.

Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.

O coração não é uma estrada para passeio de muitos. O coração é um lugar onde só fica quem faz por merecer.

Quem faz uma vez, não faz duas necessariamente, mas quem faz dez, com certeza faz onze.

A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, ria, dance, chore e viva intensamente cada momento de sua vida, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.

O tempo é o melhor autor. Sempre encontra um final perfeito.

A vida é maravilhosa se não se tem medo dela. Gosto dos meus erros; não quero prescindir da liberdade deliciosa de me enganar.

Uma pessoa pode ter uma infância triste e mesmo assim chegar a ser muito feliz na maturidade. Da mesma forma pode nascer num berço de ouro e sentir-se enjaulada pelo resto da vida.

A humanidade não se divide em heróis e tiranos. As suas paixões, boas e más foram-lhe dadas pela sociedade, não pela natureza.

A vida me ensinou a dizer adeus às pessoas que amo, sem tirá-las do meu coração.

Se matamos uma pessoa somos assassinos. Se matamos milhões de homens, celebram-nos como heróis.

Olhe para o céu. Você nunca encontrará um arco-íris se estiver olhando para baixo.

Aprender a se colocar em primeiro lugar não é egoísmo nem orgulho. É amor-próprio.

Já chorei ouvindo música e vendo fotos. Já liguei só pra escutar uma voz. Já me apaixonei por um sorriso.

Eu continuo sendo apenas um palhaço, o que já me coloca em nível bem mais alto do que o de qualquer político.

Quem está distante causa-nos sempre maior impressão.

VAMU CUMÊ?

Hoje vou dar a dica de dois restaurantes de Belo Horizonte. O primeiro deles é o Sushi Naka. Só para que tenham uma ideia, frequento o local há mais de 20 anos e ficava em uma antiga casa na Rua Maranhão, no bairro Funcionários, mas depois se transferiu para a Av. Afonso Pena 2828, Savassi. Posso dizer que serve uma das melhores comidas japonesas do Brasil, do tipo tradicional, sem cream-cheese e essas misturas abasileiradas que os outros restaurantes metidos a besta fazem, o que considero um crime.



O problema do Shushi Naka é o atendimento. Não que seja ruim, mas falta um pouquinho de calor humano. Como eu disse, sou cliente há mais de 20 anos e o pessoal mal me cumprimenta. Como não estou indo em restaurante para jogar conversa fora, mas para comer, não posso deixar de elogiar a comida, que é o que interessa. E o ambiente não é nada tradicional, podendo ser confundindo com uma lanchonete qualquer.

Experimente pedir um Teishoku Especial, que tem um pouco de tudo da culinária japonesa, como sashimi, tempurá, salmão grelhado, missoshiru, gohan, tofu e diversos pratinhos complementares, uma opção que serve tranquilamente duas pessoas. Ou então o Sakana Teppanyaki, que é um peixe acompanhado de legumes (brócolis, couve-flor, pimentão verde, berinjela, abobrinha e cebola, todos grelhados na chapa.

Outra possibilidade é o Restaurante Varanda, que conheci há pouco tempo, mas gostei muito da variedade e da qualidade da comida, que é no sistema "selv-selvs" (minha empregada é que falava assim), e são muitas opções de entradas, legumes, verduras, massas e, principalmente, carnes. Ele fica na Av. Álvares Cabral, nº 1389, no bairro de Lourdes.



RECEITA PRÁTICA - MEXIDÃO

Um bom mexidão pode ser feito com quase tudo o que sobra na geladeira. A base é bacon ou linguiça, podendo acrescentar frango desfiado, carne moída ou carne desfiada. Mas se tiver um ou dois desses itens dá para fazer tranquilo. E depois vem o arroz, o macarrão e o que mais tiver de legumes picados. Vou fazer as sugestões e você poderá usar a criatividade para substituir, tirar ou acrescentar o que quiser.

1. Frite o bacon ou linguiça no azeite ou aproveite a própria gordura que se desprende.
2. Junte o alho picado e doure levemente.
3. Coloque dois ovos e deixe fritar, mexendo um pouco.
4. Acrescente a cebola, pimentão, um pouco de frango desfiado ou carne moída ou desfiada que tenha de sobra na geladeira (se não tiver, não tem problema).
5. Coloque sobras de arroz ou macarrão (ou ambos), cuidando de pingar água para que amaciem.
6. Pode acrescentar alguma das opções: azeitonas sem caroço, alcaparras, champignon, milho cozido, cenoura picada ou ralada, brócolis, couve-flor ou até repolho em pedaços.
7. Tempere com sal e pimenta a gosto e espere cozinhar, para que os sabores se misturem.
8. Para finalizar, polvilhe com queijo parmesão e um filete de azeite.



O SOM DO SILÊNCIO

Jorge F. Isah

O sol lá fora está de rachar... Por aqui, mesmo com dois ventiladores ligados a coisa não está muito diferente, porque tenho de manter as janelas fechadas e aquele ventinho de 18 km por hora, que o “Climatempo” detalha, não me favorece em nada. Por quê? Deixe-me contar...

Neste exato momento, estou ouvindo um carro de som que pode estar a um quilômetro ou um quarteirão de casa, vendendo 30 ovos por 10 reais; mas não é só, tem também abacaxi de Marataízes e alho de Alcobaça. Aceita-se cartão de crédito e débito, dá até para fazer um pix...

Concomitante ao alto falante e a voz esganiçada do locutor, outro carro toca um funk estrondosamente perturbador e vulgar. Não entendi muita coisa, mas parece que certos glúteos têm vida própria e não pertencem a corpo algum, têm RG e CPF, e o “cantor” se refere a eles por um apelido íntimo...

Na esquina contrária, alguém ouve um misto de pagode e sertanejo universitário, uma incongruência musical e estilística que transforma a coisa toda em sessão de tortura.

Em frente de casa, existem dois bares, que para a minha felicidade, durante a semana, abrem em horários alternados: um vai das 17 às 22 h, enquanto o outro abre assim que as portas do primeiro fecham e vai até altas horas, varando a madrugada. Nos fins de semana, abrem juntos, as 17 e sem hora para acabar. Tem de tudo, cantoria sem ritmo e desafinada, alterações escandalosas, crianças chorando nos colos ou em carrinhos, e um número exorbitante de mulheres. Cheguei à conclusão de que pior do que um homem bêbado é uma mulher bêbada. Chego a acreditar que a proporção é de 5x1, entre ébrios e ébria, tal a capacidade escandalosa das cordas vocais femininas, sob a influência de álcool e outras “coisitas mas”.

Alguém pode dizer: problema seu! Quem mandou não se dar bem na vida e mudar para um condomínio fechado onde, para se ver o vizinho mais

próximo, precisa pegar um táxi ou Uber?

Contei o drama para o meu filho, ele comprou um terreno em uma área rural, e depois de algum tempo, quando estávamos concluindo o projeto da casa, novos vizinhos se mudaram e a mesma overdose sonora urbana se ouvia dia a dia no meio do mato; sem contar as reuniões com churrascos, truco e histeria despropositada em volta da piscina, e nela também. Moral da história, se alguém quiser comprar baratinho um terreno de dois mil metros, é só me contatar.

Não tenho nada contra o som que as pessoas ouvem, o gênero e estilo musical, desde que eu não seja obrigado a ouvir a porcaria também. Mesmo que fosse um “jazz cabeça”, Bach e Rachmaninoff, ou Ernesto Nazaré, nos momentos de estudo, escrita e trabalho, quero apenas o silêncio, e nada mais. Já me aconselharam um fone de ouvidos com cancelamento de ruídos, fui logo comprar um dos melhores, Bose, mas nem mesmo ele foi capaz de encerrar a orgia tonitruante dos acólitos, a infernizar meus ouvidos noite e dia.

Alguém falou que estou ficando velho, mas acho que exatamente por isso mereço consideração, ora! Bem, deixa eu ir lá comprar o abacaxi e um pouco de alho, para ver se o ambulante se satisfaz e muda o local de vendas.

Quanto os pagodeiros, funkeiros, botequeiros e botequeiras, a polícia nem quer saber mais, e a prefeitura aplica multa sobre multa, eles não pagam e continuam tocando o terror na periferia.

Juro que já pedi a Deus para diminuir a minha acuidade oitiva (não quero ficar totalmente surdo), e bastaria desligar o aparelho auditivo para o silêncio reinar... Mas se Paulo fez um mesmo pedido três vezes e foi negado, por que comigo seria diferente? Sim, ele disse ao apóstolo: a minha graça te basta!

É, e basta mesmo!

Enquanto corro a pegar a carteira...

Torcendo para o abacaxi estar maduro.

FEMINISMO COM FEMINILIDADE

por Daniela Savassi

Quando você busca por movimento feminista, vai encontrar algumas datas, nações e nomes. Em geral acusam seu nascimento na França e Países Baixos, por volta de 1806, migrando para o Reino Unido em 1890 e posteriormente Estados Unidos em meados de 1900 com o movimento feminista contemporâneo. Muitos atribuem seu surgimento à escritora francesa Simone de Beauvoir.

Outros citam Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, respectivamente ativista e educadora que estiveram nesse mundo entre 1748 e 1797.

Os motivos seriam igualdade de gênero, fim ao regime patriarcal e poderíamos dizer que essa luta feminina ganhou força e maior notoriedade com o movimento Sufragista; aquele que buscava o direito da mulher de poder votar nas sociedades democráticas entre os séculos XIX e XX.

Ora, após esse brevíssimo resumo, bem a grosso modo mesmo, somente para contextualizarmos e introduzirmos o assunto dessa coluna eu não posso deixar de registrar minha inquietação e questionamentos.

Onde fica Eva e sua tomada de decisão que modificaria todo o rumo da nossa humanidade já no Éden? A virgem Maria, assumindo a responsabilidade de carregar o filho de Deus, gerar uma criança sem ser casada em uma sociedade que apedrejava mulheres como Maria Madalena, por exemplo que se tornou a única mulher, podemos dizer considerada apóstola, no seletivo grupo de seguidores homens de Cristo. Ou ainda Débora, juíza e profetiza que, se mostrou grande estrategista de guerra livrando seu povo da opressão ao lado do comandante e coadjuvante nessa história; Baraque.

Todos esses exemplos importantíssimos de forças femininas não podem ser ignorados. Não posso deixar de observar que o feminismo existe desde a criação do mundo, porque já no início a mulher foi dotada de poderes especiais, de uma resistência incomum, mas acima de tudo, de sensibilidade e feminilidade que jamais poderão ser desconsideradas.

Em todos os exemplos acima, podemos perceber mulheres magníficas, mas que não deixaram de demonstrar fragilidade ou generosidade. Jamais deixaram sua essência de sensibilidade tão bonita e que nos diferencia tanto dos homens, ser assassinada. Essa é a beleza do feminismo com feminilidade!

Cara leitora, e porque não dizer leitor? Pretendo aqui abordar o feminismo; esse tema tão importante; à luz do maravilhoso Universo Feminino que tanta me encanta.

Nossa posição é defender o feminismo, sem perder a essência feminina. Explicar como funciona nosso universo, nossas dores, nosso interior. O que nos move e o que nos fere. Contribuindo assim, para trazer uma maior compreensão e entendimento entre homens e mulheres.

O direito brasileiro evoluiu bastante e, como jurista meque-trefo que sou gosto muitíssimo da máxima da igualdade que pressupõe "Tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais"! Não poderíamos jamais nos igualar aos homens e exigir igualdade! Temos que buscar o equilíbrio dentro de nossas diferenças. A mulher jamais será igual ao homem, nem melhor, nem pior. Apenas, completamente diferente. E é sob esses valores que devemos pautar nossa busca por direitos, por espaço, por respeito!



QUEM SOMOS?

MICHEL SALOMÃO
ator, diretor e autor
teatral, redator,
cronista, contista e
cartunista. Foi o
idealizador do

"Movimento Ridículo", de cunho filosófico-político-humorístico, nos início da década de 1980, e que mais tarde deu origem ao canal "Coisa Ridícula", com a produção de vários vídeos curtos de humor



JORGE F. ISAH
escritor, teólogo,
editor, fundador da
Kálamos Editora,
autor de vários
livros, entre eles
"Debaixo de um

Carvalho em Ofra", "A Viga Oca sob o Teto" e "O Morto Inacabado". O seu site é www.kalamoseditora.com

DANIELA SAVASSI
atriz e produtora há
mais de 20 anos, foi
apresentadora do
programa "Onde
mora a felicidade",
do SBT/Alterosa,

além de criadora do canal "Danivagueando", onde fala sobre o universo feminino. Realizou diversos trabalhos em teatro, TV e cinema, no Brasil e no exterior. O seu site é www.danielasavassi.com



PIADAS CLÁSSICAS

O bêbado vai de encontro a uma senhora e diz:

— A senhora é feia.

Um tempo depois, torna a encontrá-la, e diz:

— Já lhe disse: a senhora é feia.

— E o senhor é bêbado — responde ela.

— Sim. Mas amanhã já estou bom...

Mais uma vez, Joãozinho chega atrasado à escola.

- O que houve dessa vez, Joãozinho?

- Fui atacado por um pit-bull no caminho da escola, professora!

- Nossa! E tá tudo bem? Ele mordeu você?

- Morder ele não mordeu. Mas comeu toda a lição de casa.

Mãe, meus amigos estão dizendo que eu sou interesseiro.

- Quais amigos, Joãozinho?

- Se você me der 10 reais eu te conto.

Um chefe da pior espécie dizia ao subordinado:

- Aposto em gostaria de me ver morto, só para ter o prazer de cuspir na minha sepultura!

- Isso nunca! Odeio filas...

— Onde foi que você arranjou esse olho inchado?

— Você não se lembra da viúva que me apresentaram há dias?

— Que tem ela com isso?

— Não era viúva.

De um navio de passageiros é avistado um homem barbudo numa pequena ilha, que grita desesperadamente e faz sinais com as mãos.

— Quem é? — pergunta um passageiro ao capitão

— Não faço a menor ideia. Todos os anos, quando a gente passa por aqui, ele fica assim louco.

A loira acorda, chega ao quintal e se depara com um pinguim. Ao mesmo tempo, olha para o lado, vê o seu vizinho e diz:

- Já viu o que está aqui? Um pinguim! O que é que eu faço?

O vizinho responde:

- Não sei! Olha, leve-o ao Jardim Zoológico.

No dia seguinte, o vizinho olha para a casa da loira e a vê sair com o pinguim preso por uma coleira e pergunta:

- Então, levou o pinguim ao Jardim Zoológico?

E a loira...

- Sim, sim, e gostou tanto que hoje vou levá-lo ao Parque Municipal.

A loira queria vender o carro velho, mas tinha muitas dificuldades porque o mostrador acusava 250.000 Km. Após muito refletir, pediu conselho a uma amiga, que disse:

- Está pronta para fazer algo ilegal?

- Sim! — respondeu - Quero vendê-lo, custe o que custar!

- Então, vou mandá-la ao meu mecânico. Ele colocará o mostrador em 50.000 Km.

A loira foi ao mecânico, e ele alterou o contador para 50.000 Km.

Alguns dias depois, a amiga pergunta à loira:

- Vendeu o carro?

- Está doida?! Agora que está só com 50.000 Km, vou ficar com ele!

No hipermercado, dois homens chocam os seus respectivos carrinhos de compras.

Ambos se desculpam e um deles pergunta:

— O que é que está fazendo?

— Distraí-me à procura da minha mulher.

— Que coincidência, eu também.

— Como é a sua?

— Loira, alta, olhos azuis, pernas bem torneadas, seios salientes e lábios carnudos. E a sua?

— Que se dane a minha: vamos procurar a sua!

Porque você bebe tanto?

— Para esquecer.

— Esquecer o quê?

— Esquecer que tenho vergonha.

— Vergonha de quê?

— De beber...

Por que a plantinha não foi atendida no hospital?
Porque só tinha médico de PLANTÃO...

- Doutor, como eu faço para emagrecer?

- Basta a senhora mover a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.

- Quantas vezes, doutor?

- Todas as vezes que lhe oferecerem comida.

Dois advogados amigos se encontram na porta do Fórum, após uma exaustiva sessão de julgamento.

- Vamos tomar uma?

- Vamos! De quem?

O que o padeiro falou para o John Lennon?

- O sonho acabou...

O cara chega na padaria:

- Quanto é o cafézinho?

- Dois reais.

- E o açúcar?

- O açúcar a gente não cobra.

- Então vê pra mim dois quilos, por favor.